

# Trabalho e desenraizamento: um estudo sobre o sofrimento psicossocial gerado pela organização do trabalho fabril

*Labor and uproot: a study about psychosocial suffering as reflect of manufacturing work organization*

*Bernardo Parodi Svartman\**

## Resumo

*Este artigo tem como objetivo discutir a atualidade do fenômeno psicossocial descrito por Simone Weil como desenraizamento operário. A autora, a partir de sua experiência de trabalho nas fábricas de Paris nos anos de 1935 e 1936, utilizou este conceito para descrever e analisar o sofrimento gerado pela organização do trabalho fabril. Buscou-se aqui comparar as reflexões da autora com entrevistas realizadas com nove trabalhadores metalúrgicos de fábricas da região do ABC paulista sobre as memórias das experiências de trabalho. A análise das biografias profissionais procurou responder a seguinte pergunta: as transformações ocorridas no mundo do trabalho, conhecidas genericamente como reestruturação produtiva, teriam transformado o fenômeno descrito por Simone Weil como desenraizamento operário? Os resultados apontam que o problema do desenraizamento é persistente e deve ser compreendido como intrinsecamente relacionado à organização capitalista do trabalho.*

**Palavras-chave:** *trabalho operário, desenraizamento, reificação e humilhação social.*

## Abstract

*The goal of this article is to discuss the contemporary psychosocial phenomenon described by Simone Weil as the uprooting of manufacturing workers. Based on the author's manufacturing work experience in Paris in 1935 and 1936, she*

---

\* Doutor em Psicologia Social e do Trabalho. Docente de Psicologia Social Comunitária no Instituto de Psicologia da USP. E-mail: bernardo@usp.br

*applied this concept to describe and to assess suffering from the organization of manufacturing labor. We intended to compare the reflections of the author with interviews made with nine manufacturing workers from the São Paulo ABC region on their work experience memories. The analysis of their professional biographies pursues the following question: did the transformations that occurred in the work field – known as productive restructuring – change the phenomenon described by Simone Weil as the uprooting of manufacturing workers? The results point to the persistence of the uprooting issue and that it needs to be understood as intrinsically related to the capitalist work organization.*

**Keywords:** *manufacturing work, reification, social humiliation, uprooting.*

## 1. INTRODUÇÃO: SIMONE WEIL E A ANÁLISE DO DESENRAIZAMENTO OPERÁRIO

Ao longo de sua produção teórica, Simone Weil dedicou diversos textos à discussão das causas da opressão social e sua relação com a forma capitalista de organização do trabalho. Estes escritos permitem observar a insistência de uma interrogação política e filosófica que confere uma profunda coerência a sua vida e sua obra: “trata-se de saber se se pode conceber uma organização da produção que, embora impotente para eliminar as necessidades naturais e a pressão social daí resultante, permita, pelo menos, que ela se exerça sem esmagar com a opressão os espíritos e os corpos” (Weil, 1996: 298). Como afirmou sua biógrafa e amiga Simone Pétrement, a busca por essa resposta a levou a conhecer por dentro o trabalho nas fábricas: o mergulho na situação de dominação permitiria formular os remédios para sua superação (Pétrement, 1997: 333).

Após sua experiência de trabalho como operária ocorrida durante os anos de 1935 e 1936, Simone Weil redigiu alguns textos em que discutiu as causas do sofrimento gerado pela organização do trabalho fabril<sup>1</sup>. Estes escritos de Simone Weil oferecem importantes contribuições às atuais pesquisas e reflexões no campo da psicologia social. A grande relevância desses textos reside em pelo menos dois elementos: 1) sua análise da

---

1 Sabemos por meio de sua biografia que Simone Weil trabalhou em três fábricas durante os anos de 1934 e 1935, a primeira delas foi a Alsthon, a segunda foi uma pequena fábrica em que trabalhou durante três meses e a terceira foi a Renault.

opressão social baseia-se fundamentalmente na discussão da humilhação e do desenraizamento gerados pela organização capitalista da produção; 2) as análises de Simone Weil sobre o trabalho fabril não são simplesmente reflexões teóricas, estão profundamente marcadas pela comunidade de destino assumida pela autora em relação à vida operária. Como afirmou Ecléa Bosi (1996), os depoimentos e reflexões de Simone Weil sobre a condição operária são informados por radical proximidade com os trabalhadores.

No seu texto *Diário de vida na fábrica*, Simone Weil (1996) afirma que o trabalho fabril está intrinsecamente relacionado a uma experiência de humilhação social. A humilhação é determinada pela pressão de se alcançar uma forte cadência produtiva, pela ameaça constante de demissão caso não se alcance esta meta, pela maneira de suportar as ordens, pela contínua simplificação e fragmentação das atividades. O desconhecimento total do sistema técnico e muitas vezes dos objetos produzidos também são aspectos fundamentais do problema. Segundo Simone Weil, a observação das atividades realizadas nas fábricas não permite afirmar que o operário se serve das máquinas, antes, as máquinas é que se servem dele. Elas são feitas para acelerar o ritmo produtivo e não para auxiliar o trabalhador a enfrentar uma tarefa. Os trabalhadores gastam sua energia sem sentir que deixaram fora de si alguma marca, alguma realização.

Simone Weil compreendeu que o sofrimento gerado pela organização do trabalho fabril devia ser entendido como uma forma aguda de desenraizamento. O desenraizamento, tal como o entendia a autora, está ligado ao impedimento de “participação real, ativa e natural numa coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (Weil, 1996: 411). Esta forma de compreender o sofrimento no trabalho leva em conta não apenas as exigências feitas à mente e ao corpo dos trabalhadores, mas principalmente a impossibilidade de participação no governo do trabalho e impossibilidade de participação criativa nas atividades realizadas, o impedimento de relação com o passado e com o futuro a partir das tarefas e do lugar social ocupado. As pesquisas recentes sobre humilhação social realizadas por José Moura Gonçalves Filho, retomando a idéia de desenraizamento, revelaram que este é um fenômeno que pode ser compreendido como o impedimento de *participação igualitária* no

governo da cidade ou do trabalho, um encolhimento do campo das iniciativas e das palavras, uma redução de cidadãos e trabalhadores a papéis servis (Gonçalves Filho, 1998:57). As situações sociais que materializam a desigualdade de classes possuem um impacto traumático para aqueles que contam na cena social como inferiores, carregam enigmas de difícil decifração, disparam angústia e a experiência de invisibilidade pública (Gonçalves Filho, 2007:195). Bader Sawaia, em suas reflexões sobre os processos de dominação e exclusão, também cita o depoimento de Simone Weil para ilustrar sua compreensão do que é o sofrimento ético-político, sofrimento que é dor mediada pelas injustiças sociais, vivido não a partir do eu individual, mas do ponto de vista do “ser humano genérico”, sofrimento do excluído reportando aos fundamentos da coesão social e da legitimidade social (Sawaia, 1999: 105).

Seguindo as reflexões de Simone Weil e os recentes estudos sobre a dialética exclusão-inclusão no âmbito da psicologia social, a hipótese que discutiremos a seguir pode ser resumida da seguinte forma: o desenraizamento operário, uma forma de humilhação social determinada pela organização social do trabalho, um problema ao mesmo tempo político e moral, é um fato persistente, a despeito das transformações recentes ocorridas na organização do sistema fabril. As publicações na área da sociologia do trabalho e na área da psicologia social sobre a *reestruturação produtiva* no setor industrial apresentam importantes pontos de convergência e parecem indicar a persistência das condições geradoras do problema: as terceirizações, os “downsizing”, os “programas de qualidade total” e as novas formas de organizar o trabalho no chão-de-fábrica tiveram como objetivo primordial intensificar os ritmos produtivos e diminuir a capacidade dos trabalhadores de impor resistências às formas de dominação nos ambientes de trabalho (Antunes, 2002; Busnardo, 2003; Ramalho e Santana, 2006; Bernardo, 2009; Beaud & Pialoux, 2009). A participação permitida e controlada pelas empresas representa uma tentativa de cooptação, uma estratégia para promover adesão dos próprios trabalhadores às exigências da contínua racionalização da produção (Gorender, 1999; Lima 2006; Alves, 2011). No campo da saúde mental e trabalho, pesquisas recentes indicam que as exigências desse novo contexto produtivo tiveram um efeito

de intensificar formas de sofrimento psíquico relacionadas ao contexto de trabalho (Franco, Druck & Selgmann-Silva, 2010). Estudos revelam que essa nova realidade irá influenciar a consciência e os projetos dos trabalhadores à medida que as transformações avançam (Furtado, 2004). Essa breve revisão da literatura sobre o trabalho operário justifica a importância da investigação dos efeitos psicossociais dessas novas condições de trabalho, especialmente a investigação sobre a atualidade do fenômeno descrito por Simone Weil como *desenraizamento*.

Para discutirmos a atualidade deste fenômeno, buscou-se nesta pesquisa recolher e analisar a biografia profissional de nove trabalhadores metalúrgicos da região do ABC paulista. As entrevistas realizadas tiveram o objetivo de permitir que os elementos mais significativos da trajetória profissional de cada depoente pudessem emergir e, a partir de então, sustentar uma discussão dos diferentes níveis da experiência de desenraizamento e suas relações com a reestruturação produtiva. Apresentaremos neste artigo uma análise das lembranças do momento de ingresso na vida fabril, das experiências das atividades realizadas ao longo do percurso profissional e das perspectivas de futuro abertas pela condição operária. Ao final, discutiremos as relações entre as experiências marcantes presentes nos relatos e o fenômeno do desenraizamento operário.

## 2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa em psicologia social na qual buscamos recolher e analisar biografias profissionais de nove trabalhadores metalúrgicos da região ABC paulista. O roteiro semi-estruturado de entrevistas empregado foi construído a partir de uma pesquisa de campo anterior na qual o pesquisador trabalhou como ajudante geral de uma metalúrgica da região do ABC paulista uma vez por semana durante dois anos. Esta etapa de pesquisa de campo teve como objetivo estabelecer as bases de construção de um roteiro de entrevistas semi-estruturado, roteiro aperfeiçoado a partir da realização de pré-entrevistas (Bosi, 2003), e permitir a proximidade com as vivências fabris e com os informantes que, ou transformaram-se em depoentes, ou então indicaram os depoentes desta etapa de pesquisa.

Realizamos cinco ou seis entrevistas de longa duração com cada depoente ao longo de quatro anos, em ambientes escolhidos pelos próprios entrevistados (geralmente sua própria casa ou o sindicato). Escolhemos trabalhadores que já possuíam ao menos vinte anos de trajetória profissional nas fábricas do ABC paulista.

Dois entrevistados trabalharam na fábrica onde ocorreu a pesquisa etnográfica e viveram a condição operária numa fábrica situada na periferia da teia produtiva formada na região do ABC paulista (entrevistados 1 e 2). Pudemos observar nesse contexto periférico a menor incorporação de inovações tecnológicas, piores condições de trabalho, menores salários e maior rotatividade de mão de obra. Outros três trabalhadores são de uma fábrica matriz, ou seja, fábrica de grande porte que se serve da produção de outras fábricas menores e que confecciona produtos finais, com alto valor agregado, prontos para serem vendidos no mercado (entrevistados 3, 4 e 5). Essa fábrica utiliza planejadamente o sistema toyotista de organização do trabalho, tolera a existência do sindicato em seu interior, proporciona melhores salários e, em certos pontos, melhores condições de trabalho. Outros dois entrevistados trabalham em fábricas de autopeças, setor de grande importância no parque industrial do ABC (entrevistados 6 e 7). Também entrevistamos dois trabalhadores que conheceram a condição operária numa importante montadora de carros da região (entrevistados 8 e 9). Apesar da heterogeneidade dos locais de trabalho, as experiências de trabalho possuem muitos pontos de convergência, conforme revelou a leitura das biografias profissionais. Essas convergências permitiram estabelecer uma análise mais profunda da condição operária contemporânea.

O planejamento geral desta pesquisa apoiou-se nas orientações metodológicas de José Moura Gonçalves Filho, quando afirma que “uma entrevista precisa emergir de condições que são as condições de uma conversa, as únicas a permitir que o depoente dedique-se livremente a uma narrativa” (Gonçalves Filho, 2003: 207). Entre essas condições, afirma o autor, é indispensável que o contato com informantes e depoentes realize-se fora de qualquer recurso a expedientes de superioridade, que exista por parte do investigador um sincero desejo de “comunicação igualitária com cidadãos, e não com ‘exemplares’ de um grupo social”. Ainda de acordo

com José Moura Gonçalves Filho, outra condição indispensável para a realização das entrevistas é que elas deveriam estar apoiadas em “muitas observações e conversas, com gosto vividas, para só então tornarem-se o necessário e disciplinado recolhimento de depoimentos com gravador” (Gonçalves Filho, 2003: 206).

Respeitamos a preocupação, durante as entrevistas, de levar o depoente a manter relação com *eventos importantes que compõem sua trajetória e identidade profissional*. Solicitamos um trabalho de memória sobre experiências psicossociais marcantes que informaram sua biografia profissional. Nas entrevistas, incitamos os trabalhadores à rememoração da entrada na vida fabril, das primeiras atividades de trabalho, das relações com colegas e supervisores, das sensações cognitivas e afetivas junto às máquinas, das esperanças e projetos construídos ao longo da trajetória profissional. Acreditamos que a pesquisa qualitativa em psicologia social se faz pelo aprofundamento da forma única e pessoal pela qual certa situação social foi percebida, metabolizada, pensada, definindo simultaneamente um espaço de vida e um campo de ação. A memória sustenta narrativas que conjugam a alteridade do mundo e o exame pessoal de uma realidade compartilhada: é um relato modulado em voz própria, sem pender para um relato demais subjetivo, fechado na cela de uma consciência separada (Gonçalves Filho, 2003: 210).

A memória do trabalho nunca será uma memória estritamente pessoal. Seguindo as indicações de Maurice Halbwachs (2004), percebemos que as lembranças não são exclusivamente atos de consciência isolados, elas sempre revelam o apoio num quadro compartilhado de memórias formado por um grupo de pertencimento. As lembranças mais pessoais são apoiadas pela memória do grupo com que foram compartilhadas. Acreditamos que a narrativa pessoal da trajetória profissional revela também a substância social da experiência de trabalho fabril.

### 3. AS MEMÓRIAS DO INGRESSO NO TRABALHO FABRIL

Perguntamos inicialmente aos entrevistados como ocorreu o ingresso no trabalho fabril e quais foram as primeiras impressões desse novo

ambiente. Os relatos começaram espontaneamente pelas lembranças da busca por uma vaga de trabalho. Esta busca por emprego, assim como os momentos de seleção e o período probatório, devem ser considerados como elementos perfeitamente integrados à vida no interior das fábricas. Uma mensagem circula nas provas admissionais: é preciso saber competir, mostrar o desejo de ser melhor que o outro sempre, é preciso aceitar as condições impostas pela fábrica para manter-se no posto de trabalho. A presença de muitos candidatos no processo seletivo serve como um primeiro aviso: todos ali podem ser substituídos. Algumas provas de ingresso já se configuram como situações explícitas de humilhação para observar quem suportará melhor as futuras condições de trabalho. O exército industrial de reserva é habilmente manipulado no momento da seleção para configurar a entrada como um grande favor oferecido pela empresa, favor ao qual o trabalhador deve ser eternamente grato.

Em todos os relatos colhidos, a admissão ocorreu via agências de emprego ou por firmas terceirizadas. Esse sistema de contratação revela uma das faces atuais do desenraizamento: a gestão da precariedade no interior das fábricas. Um trabalhador terceirizado pode ser facilmente dispensado, ele trabalha na fábrica mas ainda não foi plenamente admitido. Deve dar provas incansáveis de que merece efetivação, o que na prática significa trabalhar e esforçar-se mais que seus colegas. O exército de reserva é de certa forma incluído no próprio chão-de-fábrica: os precarizados convivem com os efetivos para que as lembranças da ameaça de exclusão sejam constantemente refrescadas. Os efeitos psicológicos são evidentes: a solidariedade é interrompida ou dificultada, uma vez que os trabalhadores não se reconhecem como tendo os mesmos interesses (os terceirizados almejam a efetivação, os efetivos sentem a ameaça de substituição). Os depoentes relataram alguns exemplos: os setores onde o trabalho é mais penoso dentro da fábrica ficavam reservados para aqueles em tempo de experiência ou contratados pela agência. Isso amortecia a necessidade de luta para melhoria das condições de trabalho por parte dos efetivos e ao mesmo tempo os lembrava que qualquer problema com a fábrica poderia levá-los àqueles postos. Ouvimos também histórias, confirmadas por reportagens publicadas no jornal do sindicato dos metalúrgicos, sobre

trabalhadores terceirizados ou em tempo de experiência que se acidentavam e não conseguiam garantir seus direitos trabalhistas, como por exemplo, a garantia de estabilidade no emprego ou cobertura da previdência social. A fábrica dizia ao trabalhador que não tinha responsabilidade alguma sobre o caso e mandava-o procurar a agência. A agência, por sua vez, mandava-o procurar a fábrica, já que ali fora o local do acidente.

O que há de comum nos relatos de entrada na fábrica é que, sem exceção, os depoentes lembram-se da passagem por uma espécie de prova de ingresso. A admissão ocorre sempre sob suspeita, aparece como um favor que pode ser subitamente retirado. Essa mensagem é humilhante em si mesma, é apenas o início da experiência de exterioridade que marca o trabalho fabril. A lembrança do desemprego como uma ameaça física e moral, as seleções onde muitos candidatos devem competir pela vaga, o período de experiência, a existência de temporários ou de agências terceirizadas no interior das fábricas, tudo converge para sustentar o mesmo problema: uma situação de dominação baseada na ameaça permanente de exclusão do mundo do trabalho. Vamos apresentar o relato de um processo seletivo feito por um depoente onde esta experiência fica explícita:

Chegou lá e nem água tinha. Nós ficamos numa sala lá fechado, sabe, só nós mesmo lá conversando. Chegava um cara e dizia: “daqui a pouco nós vamos chamar vocês”. Depois trazia uma folha com um teste. Ficava uma moça lá olhando. Depois saía. A gente perguntou: “e pra beber água?”. “Daqui a pouco eu levo vocês pra beber água”. E nada. Dava pra ver que eles tão pensando assim: “esse pessoal tá precisando, vão ter que esperar do jeito que a gente quiser, se não quiser esperar que vão embora”. Chegamos oito horas da manhã e saímos de lá três horas da tarde. Isso sem beber água e sem comer. Pra você ter uma idéia. Nada, nada, nada. Era humilhação total mesmo. Mas como a gente estava precisando de emprego, tinha que segurar a barra. Nós ficamos lá esse tempo todinho. Quando foi à tarde chegou um encarregado lá. Nós estávamos em 8 pessoas, ele falou que tinham 4 vagas, mas que a gente teria que aguardar em casa pra depois entrar em contato. Foi aí que eu me exaltei. Falei: “Vocês estão pensando que somos o quê?! Algum bandido, marginal, bicho, algum animal!!!? Nós somos pai de família, precisamos de emprego. Ficamos aqui o dia todinho pra vocês falar um

negócio desses!!?”. Eu falei um monte pro cara: “Vocês estão desfazendo da gente. Eu não aceito, não quero entrar. Pode pagar o melhor salário do estado que eu não quero mais vir pra aqui”. Eu saí de lá, bati até a porta de raiva e nunca mais, nem sei onde fica essa firma, até esqueci. É uma situação muito humilhante. Muito ruim e você ficar desempregado não é coisa de ninguém não. É coisa de outro mundo. (entrevistado 2)

Todos os depoentes foram, durante períodos maiores ou menores de tempo, trabalhadores das “agências”, forma contemporânea de precarização das relações de trabalho. O sentido da contratação via “terceiras” é impedir que o trabalhador se sinta tranqüilo, estimular a competição entre todos eles, eliminando a necessidade de uma vigilância externa constante sobre o desempenho dos gestos. Em termos psicossociais, essa prática tem um poderoso efeito de diminuir a identificação entre os trabalhadores, oblitera a percepção de que vivem e sofrem os efeitos das mesmas condições de trabalho. Além disso, a terceirização dificulta a organização sindical dos trabalhadores no chão-de-fábrica e permite descartar facilmente aqueles que não interessam caso a intensidade produtiva diminua de uma hora para outra (Antunes, 2002; Gorender, 1999). Tal é a constatação empírica da conclusão alcançada por Jean Pierre Durand quando apresenta as atuais características da organização do trabalho: o capital descobriu que a sistematização da precariedade é uma das melhores formas de assegurar a manutenção de seus interesses (Durand, 2003).

#### 4. MEMÓRIAS DA ATIVIDADE FABRIL

Passado o momento de seleção, um outro momento marcante para os depoentes foram as primeiras semanas de trabalho. Os trabalhadores migrantes, tendo conhecido na cidade natal o trabalho na lavoura, na construção civil, ou simplesmente os “bicos” para garantir a sobrevivência, esperavam encontrar nas fábricas um ambiente de trabalho que lhes permitisse uma vida mais segura e estável. Mas as lembranças dos primeiros dias de trabalho revelam o contraste entre essas expectativas e as exigências físicas e psíquicas experimentadas nas atividades. Quase todos os depoentes não suportaram tais exigências e viveram esse momento inicial como um

momento extremamente angustiante de sua biografia profissional. Alguns entrevistados deixaram o primeiro emprego após poucos meses de trabalho em função da exaustão gerada pelas atividades desempenhadas.

As lembranças das primeiras semanas são marcadas por aspectos da organização do trabalho geradores de enorme insatisfação e sofrimento. Em primeiro lugar, o cansaço implicado na adaptação à cadência produtiva. O sentido do trabalho parece reduzido a uma eterna e constante alimentação de máquinas. O tempo está aprisionado pela adaptação a esse voraz mecanismo fabril. Essa voracidade aparece em algumas imagens formadas pelos depoentes: “prensas que vão engolir”, estar à disposição de “máquinas que nunca param”. O relato de uma depoente sobre o primeiro trabalho ilustra esse fato:

*Não podia parar, que nem eu falei, pra ir no banheiro, o pessoal ia rapidinho, tinha tipo um substituto. Quando eu fosse no banheiro uma pessoa tinha que ficar no meu lugar. Eu me sentia ainda mais amarrada em ter que ir e voltar. Não é que nem na roça, que eu parava, vamos supor, pra ir no banheiro. Eu parava mas não ficava ninguém no meu lugar esperando eu voltar, pra depois ir e ficar no lugar de alguém. Eu parava e pronto, eu ia, e quando eu voltava eu retornava o meu serviço. Aqui não, na fábrica não. Sempre fica uma pessoa no seu lugar, porque a máquina não pode parar, ela tem que funcionar direto. (...) Eu não sei se era porque o relógio ficava na minha frente e eu estava sempre olhando para o relógio. A impressão era que não passava a hora, demorava. Era muito tempo, muito grande o dia. Passava a hora do almoço! A hora do almoço era rapidinho. Mas a impressão era que o dia demorava mais. Demorava mais. (entrevistada 4)*

Após as narrativas sobre o começo da vida fabril, pedimos aos depoentes que descrevessem com detalhes as principais atividades realizadas nas fábricas onde permaneceram por mais tempo. A intenção era observar quais exigências são feitas à mente e ao corpo, que tipo de atenção exigem e quais aprendizagens foram necessárias para sua realização. Observamos nos relatos que o ambiente fabril permanece sendo visto como um ambiente voraz, lugar onde os mecanismos incontrolláveis exigem dos trabalhadores a alimentação contínua de suas engrenagens. A lembrança de uma espécie de incorporação ao mecanismo fabril foi a atmosfera marcante dos relatos. Essa adaptação à atividade fabril não ocorre sem desencadear um enorme

sofrimento. Os principais efeitos são a exaustão, o sono de esgotamento, as lesões por esforço repetitivo, o desânimo ligado ao esvaziamento de sentido das atividades. O sistema sócio-técnico fabril está ligado de maneira intrínseca a uma experiência de humilhação social: essa adaptação à cadência fabril não se realiza sem a vigilância dos encarregados, sem as formas de avaliação de desempenho, sem a fiscalização dos resultados produtivos que almejam a elevação da produtividade, sem a ameaça velada e constante de demissão.

*O cálculo deles é de quanto ele fazia por minuto e quanto ia dar por hora. Não pode ir ao banheiro. O cara não pode tomar uma água, dar uma descansada no pé. Ele [o encarregado] achava assim. No final do dia chegava lá e falava que você não atingiu o que eles esperavam de você. Que ia ter que colocar outro. O outro fazia uma peça a mais e “Tá vendo? O cara tem mil e uma peças”. Vive estressando a gente. Tinha dia que dava vontade de sair gritando. Sabe, o estresse chegava a tanto, tanto, que dava gastrite, queimação. E atacava os nervos, às vezes atacava assim. (entrevistado 7)*

A atenção necessária nessas atividades é abstrata e fatigante, como exemplifica um depoente:

*Ficava cansado. Você acaba trocando as peças de tanto você, de tanto fazer a mesma coisa, o mesmo serviço ali. Sempre fazendo a mesma coisa. Pegava quatro arruela, quatro porquinha, quatro pinos, apressava, e andava... Então você acabava mandando sem, acontecia muito de mandar sem nada. Pensava que tinha colocado, mas não tinha. Aquele ritmo de trabalho alucinante. Pensava que tinha colocado, prensava, voltava, alguém avisava: “ó, ta sem!”. Voltava pra trás. É muito repetitivo, e muito cansativo. (...) Era um cansaço, um esgotamento. Você fica sem raciocínio, não tinha tempo pra pensar em nada. Ficava tão cansado que chegava em casa e dizia: “não quero ouvir barulho de nada, não quero escutar nada, pelo amor de Deus, eu quero deitar!”. De tanta dor e cansaço que eu tava. Você não quer imaginar nada, não quer pensar em nada, chega em casa um nada mesmo. Não dá atenção nem pra esposa. De tanto cansaço que eu chegava. (entrevistado 3)*

Três depoentes relataram que durante épocas de realização de horas extras, épocas de trabalho extenuante, até mesmo o descanso e o sono ficam perturbados. A adaptação à cadência fabril desencadeia uma espécie de

repetição automática da rotina. O sonho é tomado, invadido, e a repetição das atividades diurnas de trabalho durante o sonho indica que algo resiste à elaboração, como por exemplo o sentimento constante de atraso e de dever peças:

*Nossa, eu na época, eu chegava a dormir sonhando que eu tava trabalhando. Sonhando que tava fazendo peça. Na minha cabeça eu tava trabalhando, no sonho. Naquele ritmo alucinante. Quer dizer, você não descansava. Você dormindo e tava trabalhando. Acho que o sonho vinha mais quando eu tava mais cansado. Acho que eu percebi isso. Quando você está mais cansado, mais atividade dentro da fábrica, e aí parece que ao invés de descansar você começa a ter tipo alucinações. Você começa a ficar assim, parece que você está dentro da fábrica. Parece que ta trabalhando, você toma sustos às vezes. Várias vezes eu já tomei susto dormindo. Sonhei que estava dentro da fábrica, o sinal apitando. Acordava assustado: “caramba, eu to em casa. Por que ta apitando?” Já teve dias de eu acordar, de dia de domingo!, dia de domingo! trocar de roupa e sair pra trabalhar! Você acredita nisso? Trocar de roupa e ir trabalhar!? Minha esposa olhou: “Onde tu vai?”. “Vou trabalhar”. “Não! Hoje é domingo”. “Sério?”. Acredita? Já chegou a acontecer isso comigo. Por essa luz que me acompanha, já aconteceu isso comigo. E acho que não foi só comigo, acho que foram com várias pessoas isso aí. Você ficava pensando: “Que aconteceu comigo?!”. (entrevistado 3)*

Outra depoente também relatou espontaneamente sonhar com as atividades de trabalho:

*Já sonhei muito, várias vezes, de chegar na fábrica, bater ponto... é muito cansativo, muito cansativo. Você dormir, sonhar que bateu o cartão, entrou pra dentro da fábrica e está trabalhando dentro da fábrica. Trabalhava, trabalhava e não rendia o serviço, o serviço não andava... então quando eu acordei de manhã com o relógio despertando, eu estava cansada, entendeu, de trabalhar. Eu pensava “meu Deus, eu tava trabalhando? agora tenho que ir trabalhar”. Quando você chega na fábrica você tem a impressão de que você ta repetindo, eu tinha sonhado, dava a impressão que eu tava repetindo o que eu tinha sonhado, bater cartão, tomar café, entrar pra fábrica, fazer o serviço. O sonho era igualzinho, igualzinho, ao trabalho mesmo! Podia sonhar com um serviço melhor, não é? (risos). (entrevistada 4)*

Em todos os relatos, os depoentes parecem não visar tanto o produto quanto a produção, aparecem incorporados a um processo em que conta

menos sua ação transformadora do que a necessidade de alimentar corporalmente o fluxo ininterrupto de funcionamento das máquinas e das linhas. Este aspecto está presente nas descrições de todas as atividades: não superam o caráter aviltante da adaptação necessária dos gestos ao funcionamento do grande mecanismo fabril. Há uma incrível contradição presente nos relatos das atividades: elas comportam uma estranha passividade, ao mesmo tempo em que implicam uma movimentação extremamente acelerada do corpo. Essa contradição revela uma das dimensões do processo de reificação: o trabalho é mercadoria, apenas o cálculo racional de seu uso justifica a admissão de um trabalhador. Quando Lukács afirma que foi preciso romper “com a unidade orgânica irracional, sempre qualitativamente condicionada, do próprio produto” (Lukacs, 2003: 202), isso significa que a tarefa da administração capitalista é buscar uma previsão e um cálculo cada vez mais exatos dos resultados produtivos. Esse ambiente só é conquistado quando o trabalho deixa de assentar-se no conhecimento tradicional, uma vez que qualquer saber pessoal significa a permanência de um fator incontrollável no processo de produção. Todo o desenvolvimento recente das máquinas de comando numérico computadorizado confirma a atualidade desta tendência: onde antes o ferramenteiro podia desenvolver uma habilidade produtiva, hoje um programador da máquina-ferramenta o substitui, e o operador desta máquina deve simplesmente alimentá-la para que ela prossiga de forma independente seu trabalho. No conjunto, o homem deve ser incorporado como mais um fator desse cálculo preciso de rentabilidade, seu corpo já não é um corpo próprio, é mais um dos mecanismos desse ambiente precisamente calculado para render.

Essa forma de planejamento do trabalho terá algumas conseqüências psicossociais: em primeiro lugar, o trabalhador vive uma auto-objetivação, deve apresentar-se como uma mercadoria que possui características que justificam seu uso lucrativo naquele contexto produtivo, move-se num tempo e espaço extremamente racionalizado, o espaço geométrico e o tempo do relógio; em segundo lugar, o trabalhador desenvolve uma atitude cada vez mais passiva, assiste ao funcionamento de um sistema acabado e fechado, impenetrável a sua efetiva participação (Lukacs, 2003: 204). Os relatos das atividades fabris não apresentam conhecimentos transmitidos

entre gerações, não apresentam sinais de habilidades herdadas que com o tempo pudessem ser metabolizadas e expressas pessoalmente. Não há menção a formas pessoais de execução das atividades nas narrativas apresentadas. Embora seja um fato que o trabalho prescrito nunca coincida com o trabalho real, como apontam os ergonomistas (Wisner, 1994), também é um fato que as habilidades desenvolvidas pelos trabalhadores estão interceptadas pelo ambiente racionalizado. Na verdade, o desenvolvimento técnico parece ter como objetivo efetuar continuamente a destruição dessas habilidades e impor um tipo tarefa que é o de garantir a mera manutenção do fluxo. Daí porque um dos aspectos do estranhamento gerado pela organização do trabalho fabril está, portanto, na impossibilidade de integrar recursos criativos ao gesto e à fala no ambiente de trabalho. A adaptação às máquinas e linhas de produção nos lembra justamente a descrição feita por Winnicott sobre o impedimento do viver criativo, sobre o impedimento de formação de um espaço potencial: um estado de submissão à realidade, um funcionamento simplesmente adaptado às suas exigências (Winnicott, 1975: 95). A racionalização das atividades e a desigualdade política presente nos ambientes de trabalho são avessas às condições sociais que permitiriam integrar recursos criativos à realização do trabalho. A atualidade do conceito de reificação revela em que medida a lógica fria do cálculo de rentabilidade se transforma no esqueleto das relações e atividades humanas nesse determinado contexto social.

## 5. AS PERSPECTIVAS DE FUTURO ABERTAS PELA CONDIÇÃO OPERÁRIA

Embora todos os depoentes trabalhassem em fábricas do ABC no início desta pesquisa, ao final dela, nem todos continuavam empregados ou possuíam condições de saúde necessárias para prosseguir suas atividades profissionais. Dos nove depoentes, três precisaram se afastar por adoecimentos gerados pelas condições de trabalho: dois sofreram sérias lesões na coluna em função do transporte constante de peças pesadas, e outro foi diagnosticado com LER, doença que o impedia de realizar movimentos de preensão com um dos braços. Os relatos dos depoentes confirmam

as conclusões já apresentadas em outras pesquisas sobre as vivências de trabalhadores acometidos por ler ocupacional: sentem-se profundamente abalados pelo sentimento de incapacidade, sentem-se desvalorizados e privados do acesso a um espaço social fundamental para a formação da própria identidade (Maeno e Wunsch, 2010; Snelwar e Masseti, 2002). A humilhação social deixa-se entrever nos relatos pela forma como efetivamente os trabalhadores contam para as empresas: como organismos que funcionam e que são excluídos quando deixam de corresponder a essa expectativa. Além disso, há uma ameaça real implicada nessa nova situação, a ameaça de desemprego contínuo. Por meio dos relatórios de seus departamentos médicos, todas as empresas procuram negar que o adoecimento tenha sido causado pelas condições de trabalho. Os trabalhadores são obrigados a passar periodicamente por perícias no INSS para provar a incapacidade, situação também considerada por eles como extremamente humilhante. Em todos os casos, a relação destes trabalhadores com a fábrica tornou-se ainda pior: muitas vezes, os representantes das fábricas humilham os trabalhadores para que eles peçam demissão. Como nos relatou um dos depoentes afastado:

*A moça do RH falou pra mim que eu era aleijado. Falou bem assim: “Você é aleijado, o que você está exigindo?”. “Eu não estou exigindo, eu vim pedir a devolução do convênio médico que tinha cobrado a mais”. “Mas você é aleijado, você não te que estar cobrando nada aqui. Se um dia a gente te dever, a gente paga”. Quer dizer, quem tá ali, normalmente uma pessoa do RH, acha que ela é uma autoridade, mas o correto é a pessoa do RH se coagir com os funcionários de tal maneira que o funcionário se sinta bem dentro da empresa. O outro do RH falou pra mim: “Você é um trapaça. Você é um trapaça e trapaça comigo é assim, eu mando 20 embora igual você. Desses 20 só três ganham, 4, 5. Os outros é lucro meu, não procuraram. Ai eu ganhei de lucro. Você de INSS, eu pego você só de propósito e eu boto lá pra ficar sentado no estacionamento.” Eu falei: “Não tem problema, desde que eu receba o meu salário e leve comida para o meu filho, ta bom. Não quero que o meu filho passe fome. Mas o resto não tem problema”. (entrevistado 8)*

Ao final da pesquisa, um acontecimento foi marcante para a discussão da perspectivas de futuros abertas pela condição operária. Um grupo de

depoentes (entrevistados 3,4 e 5) relatou nas primeiras entrevistas que a empresa na qual trabalhavam havia recém iniciado a construção de uma planta industrial em outro estado. Quando os trabalhadores descobriram o fato (por meio de informações confidenciais que vazaram do escritório de direção), imediatamente sentiram-se ameaçados. Haveria transferência de produção? Seriam demitidos? Os diretores da fábrica negaram veementemente que a planta no ABC seria fechada. Afirmaram também que não haveria redução de postos de trabalho e assinaram um documento no qual se comprometiam a cumprir essa promessa. Apesar disso, os representantes sindicais sentiram que a mobilização dos trabalhadores no chão-de-fábrica diminuiu, o número de acidentes aumentou e todos ficaram mais angustiados e ansiosos. Havia um pressentimento de que poderiam perder o emprego apesar das promessas da direção. Certo dia, depois de um ano e alguns meses da descoberta, sem qualquer aviso prévio, a fábrica reuniu os trabalhadores e informou que o fechamento da planta ocorreria naquele dia. Pior que isso: nesse dia, os chefes e representantes da fábrica não foram trabalhar, o serviço de “comunicação do fechamento da planta” foi terceirizado, conduzido por uma empresa “especializada no ramo”. Todos foram reunidos no refeitório e um vídeo foi apresentado agradecendo a contribuição de todos. Ao final do agradecimento, a informação de que, infelizmente, a partir daquele dia a fábrica seria fechada. Não era preciso retornar aos postos de trabalho, apenas assinar os documentos já preparados nas pastas com o nome de cada trabalhador, pastas já colocadas na mesa do refeitório. Os representantes sindicais foram habilmente deslocados pela direção da fábrica para uma reunião no sindicato sem que fossem avisados sobre o que aconteceria na planta. O relato do fechamento da fábrica foi apresentado de maneira muito emocionada por uma depoente:

*Conforme a gente foi saindo, eles não deixavam mais a gente entrar. Depois, no acampamento que a gente fez na porta da fábrica, a gente tinha muito tempo para ler, para pensar, refletir. Então, eu ficava o dia todo lá e pensava: tanta gente que saiu de lá, eu acho que posso até falar que mutilado. A minha amiga veio aqui a semana passada, ela chegou aqui mancando da perna, ela é uma das que estão afastadas. Tanta gente que saiu mutilada de lá. A minha amiga mesmo fez cirurgia da coluna,*

*do ombro e tudo. E ela veio aqui, morrendo de dor, mancando da perna e eu falei: “Mas o que você tem na perna?” E ela falou: “É a coluna.”. Eu nem sabia que a coluna mexe com o corpo todo. Dói o pé, dói tudo e ela falou que é da coluna. Então, é uma pessoa que trabalhou tanto, carregou pallet de sessenta máquinas, puxando aqueles carrinhos hidráulicos, deu o sangue lá dentro. Eu fiquei pensando: “Valeu a pena?”. Não vale, não valeu a pena tanta conquista, tanta luta, tanto diálogo, tanta conversa, tanto trabalho. Eu mesma trabalhei vinte anos na fábrica, eu acho que eles me deveriam respeito. Então, eu achava assim, que eles teriam que ter tido essa preocupação com o ser humano, com o trabalhador. Porque onde que está o valor da pessoa? Porque eu estava lá todo dia, levantava cedo, sol, chuva, estava lá trabalhando. De repente você chega lá, as portas fecham para você, eu não podia entrar lá nem para pegar o meu material que estava lá dentro. Era um lugar proibido para mim, de imediato assim. Eu saí do setor para uma reunião, só que eu não pude voltar, eu nunca mais entrei lá. Está entendendo? É muito difícil isso. Ave Maria!(choro) Muito ruim, eu achei assim, parece assim, que um trator passou raspando tudo, derrubando. Na verdade, derrubou as casas da gente, as escolas, derrubou tudo. Como que uma fábrica que estava montando 38 mil máquinas por mês, fazendo hora extra, como que uma fábrica dessa fecha em um estalar de dedo? Eu fico pensando, e aquelas máquinas que ficaram lá na linha, que eu estava montando? Montei só até a metade. O que aconteceu com aquela máquina? E aquelas peças pequenininhas que estavam lá no carrinho para abastecer. O que aconteceu com aquelas peças? Como que foi feito, voltou tudo? Desmanchou aquelas máquinas? Levou daquele jeito? (entrevistada 4)*

Como se observa neste depoimento, a insegurança e a movimentação constantes que caracterizam a produção industrial capitalista (Marx e Engels, 1998), a contínua “revolução” das forças produtivas instigada pela competição no mercado, no limite, retiram à atividade mesma do trabalho seu sentido e conferem-lhe um certo ar de irrealidade. Tudo aquilo que compunha um sentido na biografia profissional da depoente parece desfeito de uma hora para a outra com o fechamento do portão da fábrica. O fechamento da fábrica caracteriza-se como uma verdadeira ruptura, uma “desmaterialização” da própria biografia desses trabalhadores.

Apesar dos outros três depoentes não terem perdido seus empregos e não terem se afastado por problemas de saúde, nos relatos, o futuro profissional aparece como algo inseguro e incerto. A participação na militância sindical, o enfrentamento de situações humilhantes, a ameaça de

acidentes, os sinais do corpo indicando a possibilidade de adoecimento, as transferências de produção, ou mais simplesmente as reorganizações internas nas quais se produz mais com menos trabalhadores, todos esses elementos implicam conseqüências que fazem o futuro se apresentar sob o signo de uma ameaça constante à sobrevivência. Nas biografias, a projeção temporal nunca está assentada sobre a segurança trazida pelo reconhecimento das habilidades e saberes adquiridos com os anos de trabalho, antes, projetam o medo real de que quanto mais velho, mais difícil é manter um posto de trabalho. Apenas dois entre aqueles três trabalhadores demitidos encontraram novos empregos em fábricas da região e voltaram a viver experiências descritas no início dos relatos: o trabalho temporário no qual é preciso lutar pela efetivação. A ameaça constante de exclusão em função da lógica que guia a organização da produção tem como efeito dificultar a sedimentação da experiência e da memória: as amígdalas ameaçam não durar, as lutas e conquistas podem ser desestabilizadas, o solo das relações sociais no trabalho é demais instável para permitir a formação de raízes.

## **6. CONCLUSÕES: A ATUALIDADE DO DESENRAIZAMENTO OPERÁRIO E SUAS RELAÇÕES COM A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA**

As transformações da organização da produção industrial parecem ter gerado um agravamento do desenraizamento operário. O sentido dessas transformações ainda parece imantado pelo contínuo processo de racionalização das atividades e por formas de aumentar a submissão dos trabalhadores aos imperativos da produção de mercadorias. Sem dúvida, alguns elementos que caracterizam a reestruturação produtiva em seu aspecto organizacional e tecnológico, como por exemplos as células de produção e as máquinas de comando numérico computadorizado, correspondem a formas de redução da porosidade do tempo de trabalho e intensificação da cadência produtiva. Essas transformações organizacionais e tecnológicas ainda determinam que as atividades fabris sejam descritas pelos depoentes sob o impacto da fragmentação: alimentar máquinas, separar barras, pintar pedaços de peças, realizar pequenas operações repetitivas nas linhas ou

células. Nos relatos, pouco pudemos apreender sobre o destino e a finalidade da produção fabril, pouco pudemos notar sobre o reconhecimento e a valorização social do trabalho. O que está presente no campo de atividade do trabalhador é a necessidade de se manter a cadência, a coordenação rígida de movimentos em alta velocidade. Isso é um fator de grande sofrimento: nas linhas de produção, todos são avaliados por características mecânicas do funcionamento de seu corpo, funcionamento este que ao longo do tempo é responsável por diversas formas de adoecimento, como as lesões por esforços repetitivos.

Um dos principais pontos do depoimento de Simone Weil parece extremamente atual: o temor constante de exclusão é o pano de fundo presente em todas as biografias recolhidas. Seja pelo adoecimento, pela ameaça constante de demissão ou pelo deslocamento físico da empresa ou de parte dela, sempre a ligação entre o trabalhador e os meios de trabalho aparece como o sentimento de um favor passageiro (Weil, 1996). A formação das “empresas-rede” e o desenvolvimento da “logística produtiva” aumentaram a mobilidade das fábricas pelo mundo e também a ameaça sobre os trabalhadores: sem dúvida este é um dos elementos que permitiu às empresas diminuir a organização e a atividade sindical combativa dos trabalhadores nos ambientes de trabalho.

A partir da análise das biografias, poderíamos concluir que a noção de desenraizamento expõe duas dimensões de impedimento de participação nos espaços de trabalho. Uma delas refere-se à impossibilidade de *expressão de habilidades pessoais e de utilização de recursos criativos* nas atividades. Para que o trabalho comporte uma interioridade expressiva, algumas condições sociais precisariam ser atendidas. A primeira delas seria a superação da divisão entre planejamento e execução das tarefas (separação já cristalizada na concepção das máquinas), situação esta criada pela necessidade capitalista de acelerar a cadência produtiva. Para que o trabalho pudesse ser considerado qualificado, a inserção em um determinado campo profissional deveria permitir que os ingressantes fossem ligados a uma tradição de técnicas e conhecimentos, ou seja, que a entrada no mundo do trabalho represente uma apropriação de habilidades que podem ser pessoalmente assumidas e posteriormente desenvolvidas e transmitidas. A entrada no

espaço do trabalho precisa representar um crescimento para aquele que é acolhido em um círculo profissional, possibilidade que está sempre na dependência da relação com uma tradição de conhecimentos, de um círculo social de reconhecimento e valorização das atividades realizadas. Ou seja, participação na atividade de trabalho envolve uma relação complexa entre aprendizagem, reconhecimento social das atividades, transmissão e desenvolvimento de técnicas e habilidades produtivas.

A outra dimensão do desenraizamento refere-se ao impedimento de *participação política* na gestão social das atividades produtivas. As biografias revelaram a experiência de submissão a uma economia guiada por leis próprias e independentes: o sentido social da produção como algo externo à atividade, as transformações imprevisíveis e constantes da organização do trabalho, o trabalho vivido como mera forma de manutenção da sobrevivência. Essa dimensão do desenraizamento, para ser enfrentada, dependeria da organização auto-gestionária dos espaços de trabalho, mas também dependeria de uma forma de integração entre eles e a totalidade social que não fosse mediada pelo funcionamento “livre” do mercado: a superação da forma reificada de organização da produção e das trocas implicaria uma organização política democrática que recobrisse e amparasse efetivamente o planejamento das atividades econômicas. Estas dimensões da participação política (tanto interna quanto externa em relação ao espaço de trabalho) não poderiam dispensar a ligação com as vozes e esperanças do passado, a ligação com a história funcionando como uma bússola da discussão pública sobre o sentido da produção material. Essa atividade política viva sustentaria a atenção prática na direção do cuidado e do atendimento de necessidades humanas, uma real projeção da atividade produtiva em direção ao futuro. Ao descrever o desenraizamento operário, uma modalidade de sofrimento ligada à instrumentalização do homem e ao congelamento do tempo social, Simone Weil ofereceu importantes coordenadas psicossociais para crítica do modo de produção capitalista.

As duas dimensões da necessidade de participação atualmente se realizam sob a forma de *resistência*, ou seja, subsistem através do *enfrentamento* das tendências da organização real do trabalho. Pudemos observar nas biografias a luta dos trabalhadores para a realização de um trabalho

mais qualificado, algo que permitisse superar a condição de operadores de máquinas ou montadores de linha. As promoções que envolvem a realização de cursos ou assumir postos mais qualificados e as promessas de melhorias de condições de trabalho são habilmente manipuladas pela fábrica como forma de acirrar a competição entre os trabalhadores. Ao longo desse caminho de busca de qualificação, as habilidades e destrezas construídas na prática são fonte de orgulho e objeto de ampla valorização entre os trabalhadores. O outro caminho, não necessariamente excludente em relação ao anterior, é o de realização política, que se faz pelo ingresso na vida sindical, na organização de resistência dos trabalhadores no chão-de-fábrica. Foi possível observar uma fonte de realização para os depoentes encontrada na militância sindical: a ajuda ao próximo, a formação de laços concretos entre os trabalhadores e a resistência frente às humilhações foram as experiências mais significativas relatadas por aqueles que assumiram um papel na comissão de fábrica ou como integrante da CIPA no local de trabalho.

A análise das biografias profissionais e de suas relações com certas características essenciais da atual organização econômica permite-nos compreender que a humilhação social é uma experiência intrinsecamente relacionada à organização capitalista da produção. O sofrimento gerado pelo trabalho nos faz pensar na utopia de uma sociedade em que a emancipação não se mede simplesmente pelo desenvolvimento de suas forças produtivas, mas pela real possibilidade de enraizamento. A atualidade das experiências sociais designadas pelos conceitos de reificação e de desenraizamento revela nossa subordinação a esse desenvolvimento “livre” das forças produtivas e, se esse desenvolvimento esqueceu seu sentido humano, se ele está fetichizado, o próprio homem foi arrancado de seu solo e mergulhado no turbilhão do metabolismo social. As memórias do trabalho isso provam: estão permeadas pela manutenção da ameaça como meio de submissão aos imperativos da acumulação, separam-se do prazer e da tranquilidade presentes na contemplação dos resultados, projetam-se no futuro como a ameaça constante do presente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, G. (2011). *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2002). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Beaud, S.; Pialoux, M. (2009). *Retorno à condição operária – investigação em fábricas da Peugeot na França*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Bosi, E. (1996). *Simone Weil: a condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê editorial.
- Busnardo, A. M. (2003). Transformações no trabalho, luta operária e desenraizamento: a reestruturação produtiva no cotidiano e nas representações de trabalhadores metalúrgicos de uma empresa da região do ABC. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 6, 15-35.
- Durand, J. P. (2003). A refundação do trabalho no fluxo tensionado. *Tempo Social*, 15 (1), 139-158.
- Franco, T; Druck, G.; Selgmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35 (122), 229-248.
- Furtado, O. (2004). Trabalho e subjetividade – o movimento da consciência do trabalhador desempregado. Em: Dowbor, L. Furtado, O. Trevisan, L. Silva, H. (orgs.) *Desafios do trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Gonçalves Filho, J. M. (1998). Humilhação social: um problema político em psicologia. *Revista de Psicologia da USP*, 9 (2), 11-67.
- Gonçalves Filho, J. M. (2003). Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. Em Bock A. (org.) *Psicologia e o compromisso social*. São Paulo: Cortez.
- Gonçalves Filho, J. M. (2007). Humilhação social: humilhação política. Em Souza, B. P. (org.) *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Gorender, J. (1999). *Marxismo sem utopia*. São Paulo: Editora Ática.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Laerte Idal Sznelwar & Morgana Massetti (2002). Agressões ao corpo e/ou sofrimento psíquico ? Um estudo construído a partir da experiência de trabalhadores com Ler/Dort. *Travailler*, 2 (8), 153-176.
- Lima, E. (2006). Toyota: a inspiração japonesa e os caminhos do consentimento. Em Antunes, R. (org) *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Lukács, G. (2003). *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes.
- Maeno, M.; Wünsch, V. F. (2010). Reinserção no mercado de trabalho de ex-trabalhadores com LER-DORT de uma empresa eletrônica na região metropolitana de São Paulo. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35 (121), 53-63.
- Marx, K.; Engels, F. (1998). Manifesto do Partido Comunista. *Estudos Avançados*, 12(34), 7-46 .
- Pétrément, S. (1997). *Vida de Simone Weil*. Madri: Editorial Trotta.
- Ramalho, J. R. & e Santana, M. A. (2006). Flexibilidade à francesa: trabalhadores na Peugeot Citroën brasileira. *Revista Tempo Social*, 18 (1), 115-132.
- Sawaia, B. (1999). O sofrimento ético-político como categoria de análise da categoria exclusão-inclusão. Em Sawaia, B. (org.) *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Wisner, A. (1994). *A inteligência no trabalho*. São Paulo: editora Unesp – Fundacentro.